

Redacção e administração

R. de S. Martinho

Aveiro

POVO DE AVEIRO

SEMANARIO REPUBLICANO

 Officina de impressão
 R. de S. Martinho, AVEIRO
 EDITOR, Manuel Homem Christo

Numero 254

 Assinaturas
 AVEIRO—Um anno, 1200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 23500. Semestre, 12500 réis (fortes).
 PAGAMENTO ADIANTADO

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

 Publicações
 No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.
 Os ars. assignantes teem desconto de 30 por cento.
 NUMERO AVULSO, 30 REIS

5.º Anno

MELHOR ORIENTAÇÃO

MAIS DISCIPLINA

Muitas vezes temos escripto aqui que ha tudo a ganhar com um partido republicano forte, bem orientado e bem disciplinado. Ganha o paiz, ganha a causa democratica e ganham os proprios partidarios republicanos. Ora a ultima viagem do sr. João Franco deu logar a affirmações, na imprensa democratica, que demonstram, novamente, quanto o partido republicano carece de se orientar e disciplinar melhor.

Um diario do Porto, no mesmo tempo que combatia vivamente, em varias locaes, o dictador do Alcaide, publicava dois artigos de fundo, assignados por um jornalista de fama, onde as censuras a João Franco mal encobriam a semi-apotheose do maior carasco das liberdades portuguezas nos ultimos annos.

Bem vindo seja elle, chegava a exclamar o jornalista em questão!

Outro diario, este de Lisboa, escrevia que quanto mais depressa João Franco fosse ao poder melhor, porque estava certo de que iriam então para a republica, desenganados, a maior parte d'aquelles que, neste momento, acompanham o feroz propugnador do engrandecimento real.

Falta de disciplina e falta de orientação.

João Franco não representa, sequer, um protesto aos rotativos, em nome do qual o jornalista republicano do Porto pretendia que os republicanos portugueses o recebessem de bom animo. Não. Ao contrario. Ainda sob esse ponto de vista João Franco é um perigo. E é um perigo porque não são as immoralidades dos rotativos que elle tenta destruir. N'esse ponto não engana ninguém, a não ser aquelles que á força se querem enganar.

O que João Franco pretende destruir é a ordem de successão no poder, tal qual ultimamente foi estabelecida pelo rei. João Franco não quer que aos regeneradores succedam os progressistas, para que aos progressistas succedam novamente os regeneradores, para que aos regeneradores venham outra vez a succeder os progressistas. Quer elle tambem tomar parte na herança.

Não o diz, por um motivo muito simples: porque essas coisas não se dizem. Deixa-se ao bom senso dos outros perceber-las.

Pelo contrario, disfarça, com maior ou menor habilidade, as suas verdadeiras intenções. O que se chama, em linguagem popular, *deitar poeira nos olhos dos outros*. Mas devemos concordar

que essa poeira não póde cegar jornalistas republicanos, e demais a mais jornalistas de talento.

Por ventura João Franco declara que não quer o poder? Declara que o quer. E quer-o só por uma vez? Não. Quer-o muitas vezes. Então, alternando com os outros partidos no poder, e alternando com elles por vontade d'el rei, o que fica sendo o franquismo, senão, tambem, um rotativo?

Mas serão os seus partidarios, ao menos, mais honestos e mais modestos do que os partidarios regeneradores e progressistas? Como, se do partido regenerador, do partido progressista, e do partido republicano, foram todos elles?

Para salvar a patria? Não. Para comer.

Uns já tinham comido tanto que, onde estavam, não podiam comer mais. Outros entenderam que não lhes davam tanto quanto elles mereciam. Outros, os republicanos, não tinham comido, ainda, coisa alguma. E juntaram-se todos, para saciarem a fome, ou comerem mais á larga.

Eis o perigo. Sob o ponto de vista economico, o franquismo tem esse grande perigo: é um partido de comilões e de esfomeados. E' o partido dos que comem uma perna de carneiro, um leitão, ou um Perú, d'uma assentada, em cima d'um succulento jantar. D'aquelles que mettem, ao almoço, cinco kilos de carne em beefs na cova d'um dente. D'aquelles que não ha comida que os farte.

E' tambem o partido dos pobres diabos que nunca apanharam, por inhabilidade ou infelicidade, senão o osso atirado para o canto, ou as migalhas caídas dos banquetes.

E é o partido, emfim, d'aquelles que tendo entrado por engano na republica, em dia que, *patrioticamente*, lhes pareceu que ia surgir o *sol da redempção*, andam, afflictos, apertando a barriga ha que tempos.

Partido de comilões, partido de famintos.

Eis o que, por esse lado, o franquismo nos promette.

E sendo elles assim, escusa o ingenho collega republicano de Lisboa de esperar que o desenganos os arremesse para a republica, onde alguns d'elles já estiveram, se João Franco fór chamado ao poder.

Isto é, virão, mas só n'um caso: se a republica fór proclamada. Então, póde o ingenho collega contar com elles todos. Em peso. Para saborearem assignaturas.

Mas só depois da republica proclamada. Como as ratazanas que nunca vão ás ratoeiras, ou que não voltam lá se calharam uma vez e tiveram a ventura de se escapar, nem mesmo que haja noventa e nove probabilidades

contra uma da monarchia desapparecer, os figurões cahirão em se declarar republicanos.

Só quando a monarchia tomar de todo, e sem esperança.

Fóra d'isso, irão correndo successivamente todos os aggrupamentos monarchicos, existentes ou que venham a existir. Dissolve-se o franquismo, e que será certo se João Franco não fór ao poder, e brevemente? Logo correrão todos, cada um por seu lado, a procurar logar onde mais lhes convier. Que não será na republica, porque essa não tem, por enquanto, meza posta.

Outro engano de muitos partidarios republicanos,—erro de velha data, generalisado entre elles—é suporem que tiram força dos governos reaccionarios, excessivos, violentos. Em parte nenhuma do mundo se commette já um erro de tal ordem. Em toda a parte os partidos avançados recebem com benevolencia os governos democritas e hostilizam vivamente os governos reaccionarios. E' á sombra de leis liberaes que se aplanam o caminho da republica. Assim se entende na Alemanha, na Italia, na Hespanha, na Belgica, na França, em toda a parte. Com muito mais razão assim se deve entender em Portugal, onde não ha energias para oppôr a um governo violento.

Quantos republicanos nos deu o governo odiosissimo do dictador do Alcaide? Nenhum. Levounos muitos dos que assignaram o manifesto dos estudantes republicanos de Coimbra, e muitos dos que assignaram, em 1892, o manifesto eleitoral de José Falcão. Os taes que vieram ao cheiro do queijo da republica, *patrioticamente*, como agora por *patriotismo* acompanham o João Franco. Mas não nos deu nenhum.

Deixem-se, pois, os republicanos de tolices. Fustiguem sem dó nem piedade os apostatas, quando mais não seja para retemperar o caracter e consular a alma dos que ficam. E combatam sem tréguas, sem descanço, os governos reaccionarios, os governos de força, os governos violentos.

Se querem ser condescendentes e benevolos, sejam-no com os homens, ou com os agrupamentos liberaes.

Que á sombra da liberdade é que se desenvolve e fructifica a arvore da republica.

Honradas creaturas

O *Campeão das Provincias*, que se diz progressista, ainda foi mais servil e mais trapaceiro nas referencias á visita de João Franco a Aveiro, que o proprio pasquim dos francezes.

Os chefes progressistas de Lisboa, a começar no sr. José Luciano de Castro, devem ter em grande conta estes seus *correligionarios*.
E' de justiça.

"O POVO DE AVEIRO,"

Fez ante-hontem 22 annos que sahii n'esta cidade o primeiro numero d'*O Povo de Aveiro*. Foi em 29 de janeiro de 1882. Entra, portanto, hoje este periodico, que passou a denominar-se *Povo de Aveiro*, em vez de *O Povo de Aveiro*, por este ter sido supprimido por sentença judicial depois da sua campanha moralisadora contra os escandalos e crimes da camara municipal de Lisboa, entra hoje este periodico, iamos dizendo, no vigesimo terceiro anno da sua existencia.

Existencia cheia de luctas, de combates, de difficuldades de toda a ordem. Poucos ou nenhuns teem tido tantas, como nós. E tudo por havermos tido a ousadia de pensar, de possuir opiniões e de as affirmar com desassombro, com energia, com lealdade e com franqueza.

Nunca deixámos, desde 1882, de dizer o que sentimos. Pois nem monarchicos, nem republicanos, nos perdoaram jámais esse grande crime!

Não importa. Continuaremos na mesma. Ai de nós, se depois de tantas infamias, como as que nos teem sido assacadas, se depois de tantas calumnias, se depois de tantas perseguições, perseguições de toda a ordem, sem exclusão da perseguição judicial—dezenas de processos teem sido intentados contra nós, embora nem todos fossem por deante—ai de nós, se tivéssemos agora de nos arrepender, de nos emendar, ou de recuar.

Não. Para a frente. No mesmo tom. Com os mesmos processos e com a mesma politica. Mais resolutamente ainda, se necessario fór.

Nunca tivemos menos receio, nem, pela altura a que chegámos na vida, embora não sejamos muito entrados em annos, menos motivos para recear.

Agora, só a morte nos fará mal.

O Povo de Aveiro é o mais antigo dos actuaes periodicos republicanos, tendo conservado sempre no praso decorrido, que é já relativamente longo, o mesmo redactor politico.

Quem redigiu o primeiro numero é quem redige o numero de hoje, é quem, com rarisimas excepções, os tem redigido todos.

Aos que nos teem acompanhado com o seu auxilio e com as suas sympathias o nosso mais sincero agradecimento.

Aos reservistas.

Tem logar no dia 21 de fevereiro proximo a revista de inspecção annual a todos os reservistas da 1.ª e 2.ª reservas residentes no concelho de Aveiro.

Estes reservistas deverão reunir-se no dia acima indicado, no Largo do Rocio, d'esta cidade, pelas 10 horas da manhã.

DR. BERNARDINO MACHADO

Foi verdadeiramente notavel, por todos os titulos, a conferencia realisada no Porto pelo sr. Bernardino Machado. O illustre cathedratico está prestando relevantes serviços á causa democratica e fazendo por ella o que se não fazia ha muito tempo.

Não queremos dizer com isto que o partido republicano vá surgir forte e poderoso de um dia para o outro. Infelizmente, não succederá isso, porque não está na mão de nenhum homem, por maior que seja o seu talento e esforço, alterar o curso e a força dos acontecimentos. Não succederá isso, e oxalá, até, que o partido republicano não faça ao sr. Bernardino Machado aquillo que tem feito a outros, e de que já vão apparecendo alarmantes symptomas: gasta-lo, com a mesma rapidez com que o idolatrou.

No partido republicano, mesmo entre aquelles que são mais cotados, ha pouquissimos homens com faculdades politicas. Pouquissimos! E', pois, de recear que os nossos românticos não vejam que ainda não bateu a hora, embora se deva, habilmente, trabalhar por ella, da organização d'um forte e poderoso partido republicano, que essa organização ha de ser lenta, demorada, e que querer precipita-la é gastar energias sem resultado pratico nenhum.

Poupem os homens de incontestavel valor, como o sr. Bernardino Machado. Não lhe peçam conferencias de todos os cantos do paiz e a proposito de tudo. Porque ou o illustre cathedratico regeita, e isso ser-lhe-ha doloroso, ou vae, e depois de estar farto de percorrer o paiz, o resultado não será correspondente ao esforço, e todos cahirão de novo no desanimo do costume.

Porque em Portugal, é assim. Ou republica em pouco tempo, ou nada.

Dizemos isto em bem da causa democratica, e em obediencia ao velho principio de dizermos aquillo que sentimos, quer agrade, quer desagrade aos outros. De resto, façam o que quizerem, que para nós é o mesmo.

Illusões não temos. Só falamos por dever.

Quanto á conferencia do Porto, essa foi altamente opportuna. Não podia ser melhor a occasião, nem melhor o assumpto. E d'ahi, com o brillantissimo das grandes faculdades do sr. Bernardino Machado, o echo enorme que teve em todo o paiz.

Na folha avulsa, distribuida junto com este numero do *Povo de Aveiro*, terão os leitores o resumo fiel da magnifica conferencia.

Para ella chamamos a attenção de todos.

LUIZ DE MAGALHÃES

Segundo lêmos no *Diário da Tarde*, transcripto do *Campeão das Províncias*, papel que difficilmente se lê em Aveiro, o sr. Luiz de Magalhães disse, no almoço aqui offerecido ao sr. João Franco, que se orgulhava de ser o herdeiro do nome de seu pae, o grande orador José Estevão, e de seguir a sua politica. Acrescentou que «a alma de seu pae, que é padroeira de Aveiro, estava com aquelle grupo de homens devotados á salvação do paiz e que ella abençoava de certo o que se está fazendo.»

A audacia do sr. Luiz de Magalhães excedeu tudo. E só á sua insignificancia mental, não obstante as suas presumpções de talento, se pôde attribuir.

Ao menos diga-nos, excellentissimo, quando foi que a alma de seu pae esteve na verdade, se quando abençoou os progressistas, se quando abençoou os constituintes, se quando abençoou os independentes, se quando abençoou os regeneradores, se actualmente, que abençoa os francaceos.

O excellentissimo tem sido tudo. Foi progressista e progressista de lei. Foi progressista dissidente. Foi governador civil de Aveiro com o ministerio Dias Ferreira. Foi independente, depois d'isso. Foi regenerador, com capa ainda de independente, e, como regenerador-independente, applaudiu a odiosa dictadura de João Franco. Hoje é abertamente francaceo.

Diga-nos, excellentissimo: foi tudo isso com a benção de seu pae?

Pobre alma penada de José Estevão! Mal previa o infeliz quanto havia de soffrer depois de morto!

Ainda bem que os leitores do *Povo de Aveiro* podem avaliar, com exactidão, a audacia d'este filho, depois de terem lido os trechos, que lhes demos, dos discursos do pae. Discursos que, como dizia o sr. Dias Ferreira no *Tempo*, ao transcreverem do *Povo de Aveiro*, levariam a Timor o grande tribuno se, resuscitando, ouzasse repeti-los na camara.

Excellentissimo, seu pae, o grande tribuno, o caudillo das franquias populares, abençoou do alto da chaminé, de onde lhe fala á meia noite, a agonia dos infelizes que João Franco condemnou á morte em Timor?

«Nada menos de 1.500, aproximadamente, dizia-nos ha dias um homem eminente, foram mandados para lá. E só vieram certidões d'obito. E a peso d'ouro se tem comprado o silencio em volta d'essa infamia.»

E' essa a politica de seu pae que se orgulha de seguir, excellentissimo senhor?

E' essa politica, por ventura, menos odiosa, menos affrontosa, menos asphyxiante que a dos Cabraes, que seu pae combateu no parlamento, na imprensa e nos campos de batalha? Não. E' muito mais odiosa. E' muito mais affrontosa. E' muito mais asphyxiante. Os Cabraes não fizeram a Corregedoria, não fizeram a lei de 13 de fevereiro, não se atreveram a uma lei eleitoral que permittisse, a salvo, o *Solar dos Barrigas*. Esse *Solar dos Barrigas*, que um orador, no almoço de Aveiro, ou na conferencia do theatro, teve a audacia de glorificar. A mesma audacia com que vós, excellentissimo, declarastes que seguieis com orgulho a politica de vosso pae!

Esse *Solar dos Barrigas* onde o vosso socio, amigo, correligionario e parente, declarou, sem prolesto de ninguém, que os attentados infamissimos de João Franco á causa liberal constituíam uma revolução politica tão grande e profunda como aquellas que no nosso paiz se fizeram com as armas na mão.

E' demais, excellentissimo.

Cale-se com o nome de seu pae. Siga a politica que quizer. Seja regenerador, progressista, francaceo á sua vontade. Attente contra as liberdades publicas quantas vezes isso lhe aprouver. Agache-se detraz da dictadura. Aninhe-se aos pés da reacção. Mas não envolva n'esse procedimento o nome de seu pae, sob pena de revoltar, de indignar a consciencia publica. Convença-se de que o nome de seu pae lhe não pertence como lhe pertence o seu chapéo. O nome de seu pae não é um traste, que o excellentissimo mude, a seu bello talante, da sala para a saleta, da copa para a cosinha. O excellentissimo anda ali, tolamente, a dispôr do nome de seu pae como se elle fosse propriedade exclusivamente sua. Ora o senhor, do nome de seu pae só tem as letras. Deixou-lhas, como lhe deixaria as ceroulas ou a cadeia do relógio. Deixou-lhe o nome de familia, qual elle o herdou, por uma vez, de paes e avós, e nada mais. Saiba isto, excellentissimo. Ouviu? Veja se ouve por uma vez. O senhor tem só o nome de familia, que já existia antes de José Estevão existir. O nome moral, o nome intellectual, esse pertence ao paiz, esse pertence á historia, e só a historia pôde, legitimamente, dispor d'elle.

Quem lhe deu o direito, ao senhor, de falar em nome d'elle? O senhor só pôde dizer se filho de José Estevão, só pôde chamar-se Coelho de Magalhães, como seu pae. E disse. E fique-se por ali. Nem mais nada. O resto pertence aos outros, aos outros que julgam. Só elles, em nome da verdade, em nome da justiça, em nome da historia, podem dizer se os francaceos, se os progressistas, se os regeneradores, se os republicanos, se os socialistas, continuam, ou não continuam a politica de seu pae, e se são ou não são merecedores das suas benções.

Se o senhor não fosse, como outros tantos, um producto authenticamente d'esta geração esteril, sem alma, sem genio, sem senso commum, sem virilidade physica, sequer, geração que envergonha tres seculos e meio de vergonhosa decadencia, sem allusão ás suas qualidades pessoaes que n'esse ponto não ha que censurar, o senhor já tinha percebido isso e calava-se.

Sim, calava-se. Seguia por onde quizesse, mas calava-se.

Pois ainda o pôde fazer.

E' este o caso de se repetir: o silencio é d'ouiro.

Sr. Luiz de Magalhães, não provoque, não irrite mais a consciencia publica a fazer affirmações revoltantes em nome de direitos que não tem.

E fiquemos n'isto, se quizer.

Caminho de ferro do Valle do Vouga
Lê-se no *Dia*:

«O sr. ministro das obras publicas, respondendo hontem na camara dos deputados ao nosso amigo e illustre parlamentar sr. Homem de Mello, pôz em relevo a solicitude com que este nosso correligionario trata todos os negocios de interesse publico para o districto de Aveiro, que representa em Côrtes, e affirmou que fora o sr. dr. Homem de Mello quem primeiro tratára na camara, e particularmente com o conde de Paço Vieira, da construcção do caminho de ferro do Valle do Vouga, cujos trabalhos já começaram, podendo o sr. ministro asseverar que nos esforços do sr. dr. Homem de Mello se devia, em grande parte, a attitudão do governo, que não consentiu mais prorogações de prazos para a construcção da mesma linha.

Temos muito prazer em reproduzir estas palavras de justiça do sr. ministro das obras publicas.»

O sr. dr. Homem de Mello não sessa de defender os interesses d'esta região.

Pois olhe que não lh'o agradeçam.

Cartas d'Algures

29 DE JANEIRO.

Leio hoje nas *Novidades*:

Um bispo contra Chamberlain

LONDRES, 27.—Affirma-se que mister Chamberlain responderá brevemente á carta que, sobre a questão do proteccionismo e livre-cambio, publicou ha dias o popular bispo anglicano de Hereford.

A carta do bispo de Hereford causou profunda sensação em Londres. O prelado anglicano reivindica o direito e mesmo o dever de intervir n'essa questão politica e economica, porque a solução d'ella terá uma vital influencia sobre a sorte d'esses pobres e d'esses humildes «que Christo collocou em especial sob a guarda dos seus pastores.» Baseando-se na opinião de esclarecidos e onomistas, aquella autoridade ecclesiastica certifica que o proteccionismo torna mais p'eroso o rico e mais miseravel o pobre, favorece a corrupção, e produz, pela fome, a desmoralisação entre os trabalhadores. E conclue n'estes termos: «Todo o operario que votar em mister Chamberlain não passa de um imbecil.»

Ora eis um bispo dando lições aos revolucionarios portugueses. Em Portugal os radicaes, os ultras, tem medo de combater o proteccionismo. Em Inglaterra, os bispos não tem duvida nenhuma em affirmar que o proteccionismo torna mais poderoso o rico e mais miseravel o pobre e que todo o operario que votar no porta-bandeira do proteccionismo é um verdadeiro imbecil.

Termo tão plebeu que nem já os periodicos republicanos, em geral, o empregam n'este paiz abençoado.

Não sei se os leitores terão notado que os jornaes republicanos, os diarios pelo menos, que d'antes eram desbocados em extremo, tem agora umas maneiras mais finas e delicadas que os proprios jornaes monarchicos.

Até esse mesmo termo imbecil já vae parecendo usado.

Ora o bispo inglez, mais é bispo, é que não está com meias medidas. Chama ás coisas pelo seu nome e faz muitissimo bem.

O proteccionismo torna mais poderoso o rico e mais miseravel o pobre. Grande verdade disse o bispo. Mas que querem? Em Portugal até os socialistas são proteccionistas.

E lá diz o dictado: quem corre por gosto não cança. E' preciso dar aos outros todos os direitos: até o direito de quererem morrer de fome.

Querem morrer de fome? Pois morram.

Agora levanta-se uma certa celeuma contra as propostas de fazenda. Mas hão de vêr que não passa de fogo de vista. Eu, pelo menos, vou descrendo cada vez mais das energias da nação. Só se lembram da Santa Barbara quando dão trovões.

Se se tivesse feito de ha muito uma corrente de opinião contra o escandaloso proteccionismo que nos vem afogando, poderia agora a resistencia ser intensa e sólida. Mas ninguém quiz saber d'isso. Decididamente os estudos sérios e profundos não são para o nosso publico.

Não desgostei hoje de lêr no *Primeiro de Janeiro* a representação do *Centro Commercial do Porto*. Mas são tão timidas e tão esbaldadas as affirmações!

E nem sempre rigorosamente verdadeiras. Assim diz-se que as classes proletarias estão reduzidas a viver d'escasso e mau pão. Prouvera a Deus que assim fosse! Mas em alguns pontos do paiz nem pouco nem muito, nem mau, nem bom. Não comem pão nenhum. Pelo menos durante uma parte do anno. Ninguém m'o disse. Vi-o eu, como, n'uma d'estas cartas, já tive occasião de referir.

Não allivemos a situação. Já n'outro dia o sr. Moreira Junior dizia na camara que em parte alguma da Europa, a não ser na Italia, o pão era tão caro como em Portugal. Ora o sr. Moreira Junior tomou como elemento de comparação o preço do pão em

Lisboa. Mas esqueceu-se de que o pão mais barato em todo o paiz, e melhor, é, precisamente, o pão de Lisboa.

Se as classes populares estivessem reduzidas a viver só de pão, não seria o mal completo. Contanto que tivessem pão. E conforme o pão, d'vem accrescentar. O pão de trigo não é um alimento perfeito, mas é um alimento completo. Ha exemplos de numerosos trabalhadores, sujeitos a violentos trabalhos, viverem só de pão.

Mas o que nós não temos é pão sufficiente, sobretudo pão de trigo. E' escasso e é mau, como o affirmo o *Centro Commercial do Porto*. Se tivesse accrescentado: em algumas regiões do paiz é substituído por batata muitos mezes no anno, tinha dicto a verdade toda.

Ora as propostas de fazenda vindo agravar este miseravel estado de coisas, elevando de preço consideravelmente varios generos de primeira necessidade, como o arroz, por exemplo, dão o golpe de morte na situação.

Não pôde ser. Não deve ser. Congreguem-se, juntem-se e resistam.

O governo tem onde ir buscar dinheiro, como lhe diz essa representação do *Centro Commercial do Porto*. Diminua as despesas loucas que se fazem em tudo e por tudo. Ponha cobro a abusos, a illegalidades, a extravagancias de toda a especie. E se o fizer arrecada milhares de contos de réis.

Não o faz voluntariamente? O paiz que o leve a isso á má cara. O paiz não tem força para tanto?

Então suicidemo-nos. Está acabado tudo.

E falta-me hoje o tempo para mais.

A. B.

Tempo

Após uns dias de verdadeira primavera, voltou o mau tempo a flagelar-nos com a sua inclemencia de dias aborrecidos.

Hontem de manhã foi um diluvio d'agua, alagando os campos e tornando as estradas quasi intransitaveis. Uma calamidade.

Bella situação!

Como se sabe, o sr. Luiz de Magalhães mandou duas testemunhas á redacção do *Diário da Tarde*, declarando que nunca tinha proferido as palavras que lhe eram attribuidas. Essas palavras, como já dissémos, como temos dicto muita vez, foram proferidas pelo sr. Jayme de Magalhães Lima. De fórmula que até o socio repelle as balseiras do morgado do Carmo.

E que tal? Vamos lá, que foi mais uma conquista do *Povo de Aveiro*.

E que dirão agora os bandalhos que troçavam do sr. dr. Manuel Homem de Mello por elle recorrer ao duello? Não combatiam o duello. Troçavam do homem que a elle recorria, o que faz muita differença.

Quem é agora o dr. Duello, é o sr. dr. Manuel Homem de Mello ou é o sr. dr. Luiz de Magalhães?

Que bandalhos! Bandalhos repellidos em toda a linha.

Se o sr. Jayme de Magalhães Lima fica pessimamente collocado com o repudio solemne das suas palavras feito pelo sr. Luiz de Magalhães não ficam menos repudiados os bandalhos que troçavam do sr. Homem de Mello por elle recorrer ao duello.

SOLDADOS
ANALPHABETOS

Transcrevemos o 3.º artigo da série que *O Debate* com o titulo acima publicou:

Continuamos transcrevendo o artigo publicado na «Italia Moderna», por Olivieri Sangiacomo a respeito da necessidade de restabelecer o ensino litterario por companhias no exercito italiano. Já vimos como o auctor provou que a lei de ensino obrigatorio na Italia pouco reduziu o analfabetismo, sobretudo na região meridional. Em alguns pontos o analfabetismo até augmentou. E quando os officiaes ensinavam os soldados a lêr, entravam no regimento 50 p. c. de recrutas analfabetos e saíam 9,88 por cento.

Prosegue o auctor na sua exposição. Para o que hoje transcrevemos, julgam se útil chamar a attenção de todos. O que se segue interessa aos portuguezes a valer. Transcrevamos pois:

«Mas ha peor. Outras coisas e mais tristes nos ensinam os numeros das estatisticas. Os emigrantes que eram cento e dezenove mil em 1869, subiram a duzentos e oitenta e um mil em 1901 e a duzentos e oitenta e seis mil em 1902. Mais de meio milhão n'estes ultimos dois annos. Um exercito formidavel de descontentes que parte para o estrangeiro, não á conquista da felicidade ou do Eldorado, mas em busca de condições de vida menos miseraveis.

E ainda n'este phenomeno doloroso a Italia meridional tem a triste primazia. Enquanto que a média geral da emigração de toda a Italia é de 747 emigrantes por cem mil habitantes, as regiões do sul figuram n'esta proporção: a Sicilia, 937; a Campania, 1881; a Calabria, 2.354; a Basilicata, 2.870; os Abruzzos, 2.934.

Para onde vae esta gente em busca de melhor sorte?

Quasi metade vae para os outros paizes da Europa, correntes mais fracas dirigem-se á Africa, Asia e Oceania. Mas, a grande massa vae para a America: para a Argentina, Brazil e, presentemente, para os Estados Unidos. E por tanto ter crescido a corrente de emigrantes italianos para os Estados Unidos, reolheu o governo da Republica, porque não lhe agradam os nossos emigrantes, por lhe um dique impedindo a entrada dos analfabetos. Terrivel ameaça, na verdade! Porque entre cento e quinze mil emigrantes da Italia do sul, que nos dois ultimos annos se dirigiram para os Estados Unidos, 48 p. c. eram analfabetos, a percentagem mais alta a respeito de todos os povos, se exceptuarmos a Turquia, cujos emigrantes analfabetos estão na proporção de 54,3 p. c.» (O auctor esquece-se de citar os emigrantes portuguezes que figuram, na escala do analfabetismo, a par dos turcos. Em tudo e por tudo, pois tem uma capital que não é já banhada pelas aguas do Tejo, mas pelas aguas do Bosphoro). Adeante:

«Entre os emigrantes italianos do Norte, os analfabetos figuram, pelo contrario, na proporção de 8 p. c.»

Ora não sendo possível impedir d'um anno para outro, este exodo dos trabalhadores da terra, poisque talvez fosse perigoso para a ordem publica e reprimi-lo, é necessario evitar o perigo de vêr fechado todo o caminho á nossa emigração. E esse perigo só parecerá evitar-se, ensinando os nossos emigrantes a lêr. E como 75 p. c. dos nossos emigrantes (homens) só deixa a patria depois de haver concluído o serviço militar, impõe-se o restabelecimento, no exercito, d'aquelle ensino obrigatorio que ainda não foi possível tornar obrigatorio no paiz.

Voltemos atraz, portanto. Ainda não chegou, nem para o Estado nem para o nosso exercito, o momento de se desinteressarem de certas coisas que, nos paizes de civilisação mais avançada, caminham admiravelmente por si proprias. Ao exercito e ao Estado incumbe ainda a obrigação de se substituírem á actividade individual, auxiliando e instruindo um povo de analfabetos, que não pôde ajudar-se a si proprio.

Voltemos pois ao caminho que, Inconsideradamente, abandonámos, agora que novas relações da politica nacional nos permittem esperar que a paz europeia se mantenha ainda por algum tempo. Voltemos com redobrado e renovado ardor, por processos mais logicos e mais praticos, ao proposito determinado de empregar com juro mais rendoso, o enorme capital que o paiz dispõe de todos os annos com a manutenção do seu exercito.

Que as casernas voltem a ser esolas e que os officiaes não deslenciem de alternar, com equilibrado bom senso, a espada de commando com a ferula do professor. Não se digam que falta o tempo e o trabalho é excessivo. A escola elemental tem a vantagem de poder estabelecer-se em qualquer parte e de occupar todos os ocios. Um caderno, uma cartilha, podem levar-se facilmente na mochila, no bernal ou mesmo na algibeira. O tempo não falta quando não falte boa vontade. O serviço da guarda concede ao soldado, em cada 24 horas, 8 horas de ocio absoluto; o serviço dos destacamentos ainda concede mais. O horario do verão não mata ninguém. O inverno, com as chuvas, a neve, a intempérie, offerece dias de verdadeira ma-

diria — todos o sabem. Ora não empre-
gar algumas horas de ocio desmoralizador
ensinando os soldados a ler e escrever é um
delicto de lesa-patria, é tornar verdadei-
ramente «improductivos» os milhões que
o exercito custa ao paiz.»

Com mais clareza, precisão e justiça,
não é possível escrever. Nada temos que
acrescentar, por hoje. Falta apenas
transcrever alguns periodos do artigo.
As considerações virão depois.

BIZARRO.

A fim de augmentar os fundos
da Caixa de Soccorros, lembrou-se
a direcção da Sociedade *Recreio
Artístico* de organizar uma *hermes-
se*, que terá lugar no dia 19 de
março, data da inauguração d'a-
quella sociedade.

Esse augmento tem por fim
iniciar uma quota determinada
aos socios enfermos da casa.

E' bem entendido e é de crer
que o apello por ella dirigido a
diversos cavalheiros ache n'elles
o echo da caridade para um
fim tão altamente sympathico.

Passa incommodado de saude
o nosso amigo sr. Joaquim Fer-
reira Felix, acreditado negociante
da nossa praça.

E' IMPAGAVEL!

Lêmos no *Mundo*, em artigo
transcripto da *Voz Publica*, que
na festa da inauguração da esco-
la Rodrigues de Freitas, no Por-
to, falara o sr. Fuschini n'estes
termos :

Desconhece a assembleia. Elle orador
é socialista. Se fôra uma reunião ope-
raria, em tantas tem falado que até bem
sabia onde se deve fazer a paragem pa-
ra que a rubrica dos applausos appa-
reça.

A obra da democracia não deve ser
apenas ensinar a ler e escrever. A gera-
ção que os republicanos querem prepa-
rar só estará prompta d'aqui a 15 ou 20
annos, e a continuarem as coisas como
até aqui **DENTRO EM 40 ANNOS NÃO
EXISTIRÁ O PAIZ.**

Portugal atravessa uma crise profun-
da. Hoje o dever é acompanhar-se a
ideia salvadora venha ella de que ho-
mem vier.

«Se ella vem do Bernardino, vamos
com o Bernardino. (Muitos e prolongados
applausos.) Os srs. interromperam-me.
Se ella vem do Bernardino, vamos com
elle, mas se vier do Fuschini vão tam-
bem com elle.»

E' impagavel.
E é unico!
**Unico em todos os corpos
planetarios.**

Verdadeiramente unico.
**E verdadeiramente unicos são
os revolucionarios que não só
admittem, como applaudem, es-
peculações de tal ordem.**

Se a ideia salvadora vier do
Bernardino, vamos com o Ber-
nardino. Mas se vier d'elle, do
Fuschini, vamos com o Fuschini.

Do Fuschini, *socialista mo-
narchico!*

Nada de educar o paiz. Para
qué?

D'aqui a 10 annos já não
existirá o paiz, a não ser que o
Fuschini socialista volte a ser
ministro da corôa. Das duas uma:
ou fazer a republica, sem sacrifi-
cio nem trabalho nenhum da par-
te d'elle, e elle estará prompto
então a *dar-nos o seu nome*, ou
eleva-lo quanto antes a ministro
da corôa. Então, sim. E se voltar
a ser ministro da corôa dirá, co-
mo em 1891, que os **republica-
nos o convidaram a entrar
na revolução, mas que elle,
ainda que tivesse a republi-
ca fechada na mão, a não
abriria para a deixar sahir.**

Como isto reclamava uma ta-
reia mestra!

Fuschini, na sua immensa vai-
dade, pois já não admittre que o
paiz se salve senão com a ideia
salvadora do Bernardino (pala-
vras suas) ou d'elle—a que nós
chegámos!—esquece-se dos seus
fracos e de que ainda poderá ha-
ver por esse paiz fóra alguém
que se não deixe embahir com as
suas trêtas, com energia, inde-
pendencia e brio bastante para
lhe dizer a verdade nua e crúa.

A elle e a muitos outros, que
nem só elle a está reclamando.

Pois não aperte muito, que
se pôde enganar.

Paiz unico.
Unico! Unico!
Verdadeiramente unico!

Paiz de escravos, que é o mais
triste de tudo. Diz-se-lhe insolent-
emente que *só um homem os pó-
de salvar* e elles applaudem com
delirio o insolente em vez de o
correrem desde logo á batatada.

Ao menos o João Franco, o
outro salvador, é, faça-se-lhe essa
justiça, mais modesto.

O sr. Adriano Costa, empre-
gado do commercio, pede-nos a
publicação do que segue :

DECLARAÇÃO

O abaixo assignado declara mui-
thegoricamente que nada tem,
em absoluto, com quaesquer es-
criptos que tenham apparecido,
ou appareçam, desde o carnaval
de 1901 e 1902, firmados com o
pseudonymo de *Ignotus*.

Dito isto, não dá nenhuma
outra explicação a quem quer que
seja.

Aveiro, 26 de janeiro de 1904.

Adriano Costa.

THEATRO AVEIRENSE

Tivemos hontem spectaculo
dado pela academia aveirense, em
beneficio do novo hospital.

ao mar quando a tormenta se levantou.
Antes que o navio se despedaçasse,
alguns passageiros aventuraram-se
n'uma lancha a ganharem a praia por
entre as fauces da morte. Com os aven-
tureiros ia meu sogro, e a esposa com
a filha nos braços, dispostos a des-
cerem ao abysmo abraçados.

Já perto de terra, onde levavam
postos os olhos, avistaram dois navios
de pequeno lote, e chusmas de tripu-
lantes vestidos de trajos extravagantes.
Um conhecedor d'aquelles mares
reparou nos homens da patria, que se
moviam vertiginosamente, e exclamou:

— São os demonios do mar! São
fibusteiros! Vejam lá o que querem:
morrer no mar ou no captivoiro d'a-
quellas bestas feras?

Ninguém adoptou por morrer no
mar. Os passageiros da lancha, be-
bendo a morte a cada instante, con-
clamarão que antes queriam o capti-
veiro do que a morte horrivel de afo-
gados.

Antes de chegarmos a terra, ouviu-
se uma grande celeuma do mar a den-
tro. Olhámos todos para a não, e vi-

CARTA DO PORTO

A vinda do conselheiro dr. Bernar-
dino Machado a esta laboriosa cidade,
constituiu na semana finda, o assum-
pto principal de todas as conversas.
E, francamente, quem como nós assis-
tiu á chegada do illustre homem de
talento, á conferencia e á sua parti-
da para Coimbra, viu que o caso não
era para menos.

O Porto mais una vez mostrou
que é republicano e que só caracteres
honestos, só convicções sinceras é que
encontram o seu applauso.

Sexta-feira, apesar de á hora, 11
da noite, estar um frio siberiano, a
estação de S. Bento encheu-se total-
mente. Quando o comboio chegou e o
eminente cathedratico assomou á por-
tinhola da carruagem, as palmas e os
vivas retumbaram com enthusiasmo
indiscriptivel.

Depois dos cumprimentos, sua
ex.^a, acompanhado d'uma immensida-
de de gente, seguiu para o *Hotel do
Porto*, sendo durante o trajecto solta-
dos muitos vivas, correspondidos com
calor.

No sabbado á noite realizou-se a
conferencia; foi no antigo salão da
Porta do Sol onde se apinhava uma
enorme multidão toda cheia de vontade
em ouvir a palavra auctorisadissi-
ma do homem que abandonando todos
os preconceitos, entrou para as fileiras
republicanas, conscio de que só a Re-
publica será a unica salvação de Por-
tugal.

Eram 9 horas quando sua ex.^a en-
trou na tribuna acompanhado dos seus
collegas de viagem e de todos os re-
publicanos que no Porto teem prepon-
derancia.

A sua entrada foi saudada estrepito-
samente.

Apresentado á assembléa pelo dr.
Nunes da Poute sua ex.^a deu princí-
pio á conferencia que foi tudo que ha-
de de mais verdadeiro. Teve periodos
brilhantes. Os partidos de rotação fo-
ram bem escarpellados. O partido do
engrandecimento do poder real foi au-
ptiado de tal forma e as suas pustu-
lulas mostradas com tanta perfeição
que nós se não conhecessemos o illu-
stre conferente como formado em di-
reito julga-o-íamos formado em medi-
cina.

Bello operador!
O final da conferencia, foi uma
das mais bellas tiradas que temos ou-
vido; dal-o-emos para os leitores do
Povo de Aveiro o conhecerem :

Por todos os que querem saber e não
podem, opprimidos pela reacção políti-
ca; por todos os que creanças anal-
phabetas; por todos os que querem tra-
balhar e não podem, opprimidos pela
reacção economica, esse sem numero de
proletarios; por todos os que querem
amar, ser bons e em cujo seio a reacção
religiosa lança a semente dos odios, por
esse sem numero de santas e piedosas
mulheres que ella tenta desvaivar e ar-
rastar após si para fóra dos seus deve-
res; por todos os pobres, por todos os
humildes e por todos os fracos, sande-
mos a liberdade e com ella o unico par-
tido que hoje a sustenta, e defende em
Portugal:—O PARTIDO REPUBLICANO.

Este final, como se pode calcular,
agitou toda aquella massa humana,
que n'um arrebatamento difficil de
descrever saudou enthusiasmicamente,

delirantemente, o dr. Bernardino Ma-
chado, esse impolluto character, essa
honestidade immaculada.

Foi um d'estes momentos loucos,
tal a alegria de que todos estavam
possuidos. Tambem foram saudados
todos aquelles que mais teem traba-
lhado para a implantação da Repu-
blica.

A despedida, na segunda-feira,
tambem foi affectuosissima. Milhares
de republicanos accorrem á estação
de S. Bento para se despedirem do
grande republicano.

A' partida do comboio sua ex.^a
ergueu um *viva ao Porto* sendo cor-
respondido com delirio por todos os
que se encontravam na estação.

Sua ex.^a devia ir maravilhado pe-
la fórma como foi tratado n'esta cida-
de, mas outra coisa não era de espe-
rar dos filhos de uma terra onde
dentro dos seus muros já morreram os
que combateram pela Republica.

27—1—904.

A. M.

Novo gremio

Vae inaugurar-se no Largo Luiz
Cypriano um novo gremio que
passa a denominar-se dos *Gallitos*,
sendo a maioria dos seus asso-
ciados composta dos dissidentes
da *Sociedade Recreio Artístico*.

A' nova associação desejamos
muitas prosperidades.

Musica no jardim

O programma que a excellente banda
do 2.^o executa hoje no jardim publico da
1.^o ás 3 da tarde, se o tempo o permittir,
é o seguinte:

Ordinario. «Tributo de Zamora», phan-
tasia da opera (Gomot). «Le Retour du
Printemps». Suite de walsas (Waldteufel).
«La verbena de la Paludina». Zarzuela
(Breton). «Homenagem». Ode Symphonica
(Reis). «Eulalia». Mazurka (***) Ordinario.

K alendario

Ao nosso amigo sr. Luiz Nunes
Ferreira, honrado negociante de fer-
ragens da rua do Almada, Porto, agra-
decemos a offerta do kalendario da sua
oasa commercial, que é, sem contesta-
ção alguma, um dos mais bonitos que
se publicaram este anno na cidade
invicta.

PUBLICAÇÕES

A Revista.— Mensario de
sciencias e lettras. Recebemos o
n.º 7, relativo ao mez corrente,
d'esta excellente publicação. Traz
artigos de Joaquim Araujo, Julio
Moreira, Henrique Marques, Pinto
Ribeiro e outros.

Liga Naval Portugueza.—
Recebemos o n.º 11 do *Boletim
Official*, orgão d'esta patriótica
associação. Magnifico, como sem-
pre. Com bons artigos e bellas
illustrações.

Semana Illustrada.—Rece-
bemos o n.º 9. Temos recebido

— Minha mulher, disse Abreu,
ignora-o, porque muitos annos viveu
lônge do trato de tal gente, e não
sabe explicar-m'o.

— Em poucas palavras o direi—
tornou o hospede.—Os pontos essen-
ciaes da ilha e costa de S. Domingos
pertenceram aos hespanhoes. Um dia,
chegaram á costa septentrional d'a-
quellas possessões algumas galeotas
de aventureiros francezes, mesclados
com malfiteiros foragidos de todas as
nações, homens sem patria, escapados
do cadafalso, feras tremendas, que
precisavam embriagar-se de sangue
para gosarem algum prazer n'este
mundo. A estas escorias sociaes con-
gregaram-se outras da mesma indole
saiidas de Guadalupe, de Granada e
da Martinica. N'aquellas vastas flo-
restas acharam farto sustento,
na abundancia de manadas de toiros
bravos, de javalis, e vaccas mansas,
que os hespanhoes por lá deixaram
medrar e multiplicar. A riqueza de
cada um de estes bandidos compunha-
se de uma boa matilla de rafeiros,
d'uma enorme espingarda, duas cami-

sempre, com toda a justiça, o
valor d'esta publicação, baratissi-
ma, pois que cada numero custa
apenas 20 reis. Revista litteraria
e artistica, de modas, sport e
actualidades. Este numero, sem
contar a importancia dos artigos,
traz cinco illustrações e uma pa-
gina de musica.

Nos Actos Judiciaes.—Mais
um volume da utilissima *Biblio-
theca Popular de Legislação*. Preço
150 reis.

O Aranto.—Recebemos o n.º
1 d'esta magnifica publicação men-
sual, do Porto, da qual é director
litterario o sr. Bartholomen Seve-
rino e director artistico o sr.
Christiano de Carvalho.

Assigna-se na travessa da Pi-
caria 5—2.º. Anno 500 reis. Nu-
mero avulso 40 reis.

A Semana Illustrada.—Re-
cebemos o n.º 10, com as seguin-
tes illustrações: Typos de belle-
za (Willien) Mademoiselle (Fran-
cisca Morgado, A Moda, Lucilia
Simões e uma pagina de musica.

Notas alegres

**Horario da viagem
que se faz da terra ao ceu**

SAHIDAS — A todas as horas
CHEGADAS — Quando Deus quizer.

PREÇOS:

1.^a CLASSE — Innocencia ou martyrio.
2.^a CLASSE — Penitencia e confiança.
3.^a CLASSE — Arrependimento e resi-
gnação.

CONDICÇÕES:

1.^a — Não se vendem bilhetes de ida e
volta
2.^a — Não ha viagens de recreio
3.^a — Os meninos nada pagam no seio
de sua mãe, á igreja
4.^a — Não é permittido levar bagagens,
além das boas obras, sob pena de se
exporem a perder o trem ou a atzarem
a viagem.
5.^a — Recebem-se passageiros em to-
da a linha.
6.^a — Só não são acceitos os advoga-
dos, escrivães, boticarios e... as sogras.

Entre compadres:
— Quem é Deus?
— Sou eu.
— Isso não se diz, compadre.
— A minha mulher ao deitar-se diz:
«Com Deus me deito, com Deus me le-
vanto». E ella só dorme commigo.

**CONSULTORIO
DENTARIO
DE
THEOPHILO REIS**

Cirurgião-dentista
pela Universidade de Coimbra
Extrahe, obtura, colloca
dentes e encarrega-se
do concerto de dentaduras
R. DIREITA, 58, 1.^o
Aveiro

sas, uma jaleca, um chapéo de feltro,
um calção, e uma grossa correia á
cinta com uma espada curta e tres
facas de matto pendentes. As casas
d'elles, durante as sortidas á rapina,
eram barracas de fina lona, com a
qual se defendiam das ferroadas dos
moscardos e das geadas homicidas.
Viviam nos dois, antes que a França
lhes mandasse mulheres, e, por mor-
te de um, era herdeiro o outro. Raras
vezes se desavinham, e quando se
desafiavam matavam-se a tiro de es-
pingarda. Se o morto não recebesse
os pelouros pela frente, o assassino
era logo degolado como traçoieiro.

O principal commercio d'elles era
carnes seccas e pelles, que iam vender
ás enseadas da costa, mediante uns
assalariados, que tratavam entre elles
e os compradores, na esperanza de
voltarem ricos da America, onde se
lhes ia a vida em durissimo captivoiro.

(Continúa.)

(86) **FOLHETIM**
CAMILLO CASTELLO BRANCO
O OLHO DE VIDRO
(Romance historico)
XII
Historia de Antonio de Sá
Fugiram de Portugal com admi-
ravel fortuna, e casaram-se segundo o
ritual hebraico, presumo eu. Meu
sogro; ao tempo da fuga, estudava
medicina, e tomou grão em uma das
universidades estrangeiras. Esteve
alguns annos na Europa; e, como o
dominava a paixão de ser rico, aceti-
tou partido muito vantajoso que os
francezes lhe offereciam no Canadá,
e embarcou em Marsella, quando mi-
nha mulher era creancinha.
Na altura da costa de S. Domin-
gos, a não em que elle se embarcára
perdeu o rumo, e foi levada contra a
costa, por não ter tempo de fazer-se

Bibliotheca HORAS ROMANTICAS
 Collecção de obras litterarias e scientificas notavias, dos melhores auctores antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros
COM REIS CADA VOLUME
 ROMANCE, POESIA, THEATRO, ARTE, HISTORIA, CRITICA
 Edições esmeradamente revistas, traducções confiadas aos melhores escriptores, obras de auctores antigos e contemporaneos
PUBLICAÇÃO MENSAL AOS VOL. DE 160 A 200 PAG.
100 reis o volume
Cada pagina de leitura por menos de um real
IDEA E FINS DA PUBLICAÇÃO

O fim d'esta publicação é o de concorre para que o povo portuguez conheça a sua litteratura e a dos outros povos, por meio da vulgarisação d'obras primas tornando-as familiares e accessiveis a todos. De nenhuma outro modo poderia a Bibliotheca Horas Romanticas conseguir este seu principal objecto, que não fosse o de se facilitar ao alcance de todas as fortunas, pelo seu preço baratissimo.

A Bibliotheca Horas Romanticas publicará de cada auctor, o mais selecto, o melhor, o que é indispensavel ser conhecido. O seu formato será elegante, commo e portatil. Abundantissima a leitura de cada volume. A sua barateza inexcitavel. E' nosso empenho conseguir que a Bibliotheca Horas Romanticas seja tão instructiva como delectosa; que os seus livros possam chegar ás mãos de todos constituindo em todas as familias e em todas as corporações associativas uma encyclopedia consoladora, a qual todos estimem e tragam frequentemente manuseada. Os volumes da nossa Bibliotheca offerecerão a facilidade de serem lidos durante os ocios das diversas occupações quotidianas de cada leitor. A Bibliotheca Horas Romanticas será uma collecção preciosa de verdadeiras obras primas.

VOLUMES PUBLICADOS
 N.º 1 a 8—«Quo vadis?» por Henry Stenkevitz.—N.º 4—«Vida e aventuras de Lazarello de Torres», por Diego Hurtado de Mendoza e H. de Luna.—N.º 5—«Eulalia Pontola», por F. Soulié.—N.º 6—«A amoraia fatal», por E. Berthet.—N.º 7—«O Senhor Euz», por Salvatore Farina.—N.º 7 a 7b—«O fogo», por Gabriel d'Annunzio.—N.º 8—«Garças d'uma noiva», Bjornstjerne de Bjornson.—N.º 9—«Palavra de soldado», por Jorge Elwall.—N.º 10—«A pelle do Leão», por C. de Bernard.—N.º 11 a 13—«A morte dos Deuses», por Dmitry de Merejkowsky.—N.º 14—«A corda do carrasco», por Petosi.—N.º 15—«Idyllios á beira d'agua» (2.ª edição), por Alberto Pimentel.—N.º 16—«Terras malditas», por V. B. Ibanez.
 Remette-se qualquer d'estes volumes, FRANCO DE PORTE, a quem enviar a sua importancia á «A Editora» (antiga casa David Corassi)—Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

Abastecimento de carnes á cidade de Lisboa.

Esta empresa previne os criadores de que recebe gado para acoagne nas epochas proprias pelos preços que constam do seu contracto.

Venda de couros, em leilão todas as segunda-feiras ao meio dia, em lotes correspondentes á matança de cada dia.

As condições estão patentes no acto da arrematação.

Venda de sebo, tripa, sangue secco para adubos, estume, etc.

Rua da Boa Vista, 3 Lisboa

ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA E FERRAGENS
 —DE—
ANTONIO FERREIRA FELIX,
 Filhos (Successores)

N'ESTE antigo estabelecimento vendem-se ferragens nacionaes e estrangeiras, taes como: ferro em barra e em chapa, zinco, folha zincada, faqueiros de Guimarães e estrangeiros, paz de aço, ratoeiras de ferro e arame, fechos, fechaduras e dobradiças, panellas de ferro fundidas e estanhadas, chaços de ferro, fogareiros, pulverisadores de diferentes marcas, arame para ramadas, rede para vedações, alviades, vernizes, drogas, tintas preparadas e em massa, mercearia, madeiras, etc., etc.

MODICIDADE DE PREÇOS
 RUA DIREITA N.º 43 e 45—AVEIRO

METHODO JOAO DE DEUS

- Cartilha Maternal ou Arte de Leitura, (1.ª parte) approvada pelo governo, 16.ª edição, br. 200 reis; cart. 300 reis.
- Deveres dos Filhos, (2.ª parte ou 2.º livro de leitura), br. 200 reis, cart., 500 reis. 16.ª edição app. pelo governo.
- Album, ou livro contendo as lições da CARTILHA, preço 50000 reis.
- Quadros parietaes, ou as mesmas lições da CARTILHA MATERNAL em 35 cartões, preço, 60000 reis.
- Arte de escripta, nove cadernos, a 30 reis; collecção, 270 reis.
- O Methodo de escripta, vende-se aos CADERNOS ou ás COLLECÇÕES.

DO MESMO AUCTOR
 A Cartilha Maternal e o Apostolado, (celebres polemicas sobre a cartilha, questões de pedagogia), 1 vol. de 280 paginas, preço 500 reis.
 A Cartilha Maternal e a Critica, (2.ª parte das questões sobre o prologo do dr. Trindade Coelho, 1 vol. de 372 pag. 500 reis.
 Prosas, (narrativas, cartas, prologos, criticas, etc., coordenadas pelo dr. Theophilo Braga, 1 vol. de 745 pag., br. 800 reis.
 Campo de Flores, Braga, 3.ª edição de versos, coordenados pelo dr. Theophilo Braga, um elegante volume de 525 pag., com dois bellos retratos do auctor, preço, br. 700 reis.

Opusculos pedagogicos de João de Deus Ramos.
 Guia theoretico e pratico da Cartilha Maternal, (obra indispensavel aos que ensinam a ler pela arte de leitura de João de Deus), 160 reis.
 Os altos principios do Methodo de João de Deus, 300 rs
 Todas estas obras escolares (de leitura e escripta) do methodo de João de Deus acham-se approvadas pelo governo e encontram-se á venda nas principaes livrarias de Portugal. Descontos para revender os do costume.
 Os municipios, directores de collegios e professores de escolas tambem terão descontos especiaes.

Pedidos ao deposito geral das obras de João de Deus, Largo do Terreiro de Trigo, n.º 20, 1.º—LISBOA.
 Os srs. professores ou directores de collegios que pretendam quaesquer explicações acerca das obras escolares de JOAO DE DEUS, podem dirigir-se á viuva do auctor (ou ao dr. João de Deus Ramos), rua João de Deus, 13, 1.º (á Estrella), Lisboa, aonde continuam a dar-se CURSOS GRATUITOS, explicando o referido methodo.

MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia SINGER obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, Grand-Prix.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

AVEIRO
 75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79

RUDIMENTOS DE AGRICULTURA
 POR
ANTONIO X. PEREIRA COUTINHO
 LIVRO APPROVADO NO ULTIMO CONCURSO PELA DIRECÇÃO GERAL D'INSTRUÇÃO PUBLICA
 PREÇO PELO CORREIO, 280 REIS
 A' venda em todas as livrarias do continente, ilhas e ultramar, e na
CASA EDITORA
LIVRARIA AILLAUD
 Rua do Ouro,—242-1.º
 LISBOA

Aos agricultores
 Adubo organico para terras, vende-se a retalho e em sacas de 75 kilos, no estabelecimento de José Gonçalves Camellas, á Praça do Peixe—AVEIRO.
 Este adubo, com resultados maravilhosos para a cultura das terras, convém especialmente para as terras calcareas, dependendo a quantidade a empregar-se da qualidade do terreno a que for applicado. Tratando-se d'uma cultura importante é conveniente submeter a analyse da terra ao agronomo da localidade para elle estabelecer essa quantidade.

No mesmo estabelecimento tomam-se encomendas e «marés» de Junco.

LIVRO COMMERCIAL
TRATADO DE CONTABILIDADE
 Pelo guarda livros RICARDO DE SA
 Chefe da contabilidade do Banco Nacional Ultramarino. Ex-professor proprietario da 5.ª cadeira do Athenaeo Commercial de Lisboa Perito ante os tribunaes Commercial e Civil. Publicista
 E sobejamente conhecido em todo o paiz o nome do auctor para que precisemos recomendar o valor d'esta obra, indispensavel ao commercio e á industria em geral.
 Esta obra compõe-se de 50 fasciculos de 16 paginas a 70 reis.

Assigna-se na «A EDITORA», Largo do Conde Barão, 50—LISBOA; e no Porto, na Livraria Chardron de Lello & Irmão, Rua dos Clerigos, 96 e 98, e em casa de todos os seus agentes das provincias, ilhas e ultramar. Envia-se o fasciculo specimen a quem o requisitar.

Sapataria Marques d'Almeida & Irmão
 N'ESTA acreditada sapataria, sita aos Arcos, ha sempre excellentes calçados feitos, tomando-se tambem encomenda por medida. Pela segurança da obra e pela boa qualidade dos cabedães se responsabilizam os annunciantes.
 Eguamente garantem a todos a modicidade de preços.
Vêr para crêr

A NOVA PHASE DO SOCIALISMO
 POR
JOÃO DE MENEZES
 A' venda na Livraria Central de Gomes de Carvalho, editor, 158, rua da Prata, 160—LISBOA.
 Preço 300

BAGAÇOS ALIMENTARES
 VENDEM-SE na antiga casa de Manuel Maria, largo do mesmo nome, rua direita, d'esta cidade, e por preços vantajosos os melhores bagaços para alimentação de todos os animaes.

TYPOGRAPHIA DO POVO DE AVEIRO
 Acaba de nos chegar do estrangeiro, das principaes fundições typographicas, uma variedade de tipos de phantasias, proprios para obras de luxo. Encarregamo-nos, portanto, de toda a obra de impressões, fazendo-a mais barata do que em outra qualquer parte.
Especialidade em cartões de visita

DEPOSITO DE MACHINAS DE COSTURA
 DA ACREDITADA FABRICA
“PFAFF,”
 Fundada em 1862 em KAISERSLAUTERN
 são estas as melhores machinas de costura

- A machina «PFAFF» para costureiras.
- A machina «PFAFF» para alfaiates.
- A machina «PFAFF» para modistas.
- A machina «PFAFF» para sapateiros.
- A machina «PFAFF» para seleiros.
- A machina «PFAFF» para corrieiros.
- A machina «PFAFF» para toda a classe de costura, desde a mais fina cambrata ao mais grosso cabedal.

A machina «PFAFF» é sem duvida a rainha de todas as machinas de costura

Ensino gratis. Garantia illimitada.
 A prestações e a dinheiro com grandes descontos. Para collegios e escolas de meninas, preços e condições especiaes.
 Vende-se agulhas, oleo, accessorios e peças soltas para toda a classe de costura.
 Conserta-se machinas de todos os systemas.
 Peçam catalogos illustrados que se remetem gratuitamente.
 Pedidos a
 José Maria Simões & Filho
ANADIA—SANGALHOS